



Lighting design e arte abstrata

Por Valmir Perez

TENHO NOTADO ULTIMAMENTE ALGO NOS PROJETOS DE iluminação que me parece bastante sério. Perturbador mesmo. Parece que, de repente, surgiu uma espécie de onda no País, que tem feito com que muitos projetos pareçam iguais. Cheguei a pensar que eu poderia estar exigindo demais dos designers. Imaginei que as tecnologias que estavam chegando com força no Brasil e, de alguma forma, influenciando as escolhas dos profissionais iria passar rapidamente, como passam as ondas.

Mas o fato é que o tempo foi passando, e eu não consegui perceber tantas mudanças. Os projetos, tirando algumas exceções, apresentam ainda “receitas” prontas, iguais àquelas de bolo, que a gente faz e nunca mais esquece. Pior ainda, a gente não esquece porque deu certo uma vez e, certamente, dará certo sempre.

Torçam os narizes os mais cépticos, mas esta “coisa” não funciona quando tratamos nossos projetos como o que eles realmente são: obras de arte. E estas fórmulas não funcionam justamente por isso: porque iluminação é arte, e na arte não existem receitas. Não existem “regras” que possam ser cumpridas sempre que necessitamos, de alguma forma, nos expressar.

Podemos (e devemos!) aprender os meios de fazer a arte, tais como: as técnicas, os materiais, as tecnologias e teorias que regem o mundo das formas, dos sons, das

Um paralelo entre as idéias do mestre Kandinsky e a iluminação

cores, da harmonia etc. No entanto, não podemos usar esses conhecimentos como um receituário. O lighting design deve ser mais complexo, mais instigante, pois nele há um lado invisível, espiritual, intuitivo...

Quando andamos nas ruas, nos confrontamos, muitas vezes, com essas receitas de iluminação, replicadas por todos os lados, nos shoppings, nos condomínios etc. Mas será que nos perguntamos a razão dessas imagens criadas pela luz, das cores, das sombras? Será que sabemos o valor de um fio de luz que invade uma parede, como uma fenda aberta? Será que nos perguntamos qual a finalidade dessas cores jogadas sobre esses jardins? Ou podemos perceber o valor estético, resultado de todas essas combinações num mesmo ambiente?

Claro que a maioria das pessoas nunca questionará esses valores com profundidade, mas não estou falando da maioria das pessoas, estou falando daqueles que querem não apenas reproduzir o que está na moda, mas fazer com que seus trabalhos sejam capazes de chegar à alma das pessoas.

Bem, até aqui falei apenas de projetos de iluminação que compõem o mundo da arquitetura, do design de interiores e exteriores. E o que dizer dessas luzes que são “jogadas” sobre os palcos, onde qualquer movimento, por mais ínfimo que seja, vem carregado de simbolismo? Onde



se torna necessário o conhecimento da luz, das formas, das cores, dos movimentos, do conteúdo dessas complexas composições.

No que diz respeito à iluminação cênica, as tecnologias também chegaram ao País atropelando nossos profissionais. Lá fora, onde foram criadas, foram pesquisadas e produzidas para atender demandas estéticas. Quando aqui chegaram, em meados dos anos oitenta, produziram uma verdadeira revolução.

O que mete medo é saber que nossos jovens profissionais estão muito mais preocupados com as tecnologias do que em como transformá-las em ferramentas de expressão. Fazendo uma relação com a pintura, seria como se os pintores e estudantes da arte pictórica se interessassem muito mais pelos pincéis e pelas tintas do que pela própria expressão artística. Um absurdo que provavelmente nos traria consequências catastróficas: uma geração inteira perdida e abismada com os seus pincéis e tintas.

A mim, parece-me que isso está atualmente acontecendo aqui no Brasil com a iluminação cênica e, algumas vezes, com a arquitetural. Mas não é o pessimismo que nos fará quebrar essas algemas, e sim o aprofundamento dos conhecimentos mais sutis que envolvem a criação artística. É o reconhecimento de que a arte, assim como a ciência, é um campo imenso de pesquisas, de busca de entendimento e soluções.

Nosso mestre Kandinsky e muitos outros que vieram antes e depois dele, também em suas épocas e culturas, tiveram que romper algemas. As algemas eram outras, mas a força que exerciam sobre espíritos empreendedores era tão forte como as que enfrentamos hoje.

E por isso, acredito que a análise da vida e a obra desses homens e mulheres pode, de alguma forma, nos ajudar a alçar vôos. E, quem sabe, nos impulsionar a jogar as receitas pela janela e buscar a compreensão do que ainda é novo em suas características técnicas, e utilizar simplesmente como ferramentas de criação.

Em busca de uma teoria da arte

Em 4 de dezembro de 1866 nascia em Moscou, na Rússia Czarista, Wassily Wassilievich Kandinsky. Dotado de uma incrível sensibilidade artística,

principalmente no que diz respeito à cor, e de uma inteligência notável, viria a se tornar uma das mais fortes e expoentes vozes da arte moderna ocidental.

Suas idéias consolidaram as vertentes modernistas do começo do século XX que, por sua vez, derrubaram a hegemonia dos rígidos conceitos do classicismo nas artes plásticas, literatura, arquitetura, escultura, música e até mesmo na filosofia e ciência. Sua obra é considerada por muitos estudiosos uma ruptura dentro da ruptura, pois para Kandinsky a questão da forma se torna secundária. Para ele, a arte abstracionista abole a forma como princípio e parâmetro básico de expressão e abre caminho para as liberdades do espírito.

Mas o abstracionismo de Kandinsky conquista respeito no meio artístico de sua época não apenas por sua inovadora “formalização” da livre expressão do espírito, mas, sobretudo, por sua acurada base teórica, fruto de muitos anos de pesquisa sobre as possibilidades da cor, da forma e da composição.

Segundo o seu pensamento, “terminada a fase da cultura realista, o novo homem dirige seu interesse ao descobrimento de uma dimensão paralela à realidade e, portanto, não física, mas na qual se encontram várias formas expressivas do ser humano, uma dimensão que o olho não vê, mas que a mente pode compreender” (Kandinsky 1998) [1].

Na sua característica — única, de conseguir unir o trabalho minucioso do artista sobre a paleta e um poderoso discurso teórico, baseado em experimentos complexos e persistentes, Kandinsky transformou-se no porta-voz de uma “nova arte”. Seus manuscritos e publicações de pesquisa, posteriormente transformados nos livros “Ponto e Linha Sobre o Plano” e “Do Espiritual na Arte”, revelam-nos isso.

Para o pintor, as cores e as formas [2] já possuem expressão, vida espiritual próprias e, com elas, o espírito humano pode se expressar muito mais e melhor do que se utilizasse os elementos prontos da natureza.

Arte abstrata ou figurativa?

Um texto de Alexandre Kojève, sobrinho do artista, fruto das discussões entre ele e o mestre, redigido em 1936, e publicado em 1966, no número 27 da revista *XX^e siècle*, com aprovação de Kandinsky,

[1] PECCATORI, Stefano; ZUFFI, Stefano (Coord.). Biblioteca Editrice, 1998. p. 18.

[2] Pesquisadas por ele principalmente em suas bases geométricas fundamentais: círculo, triângulo, quadrado, etc...

Anuncie

Lume Arquitetura.

Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação



define o que seria arte abstrata e arte figurativa.

O texto surpreende pela sua perspicácia e pela intensa “verdade” escondida até então pela visão clássica da arte, quando afirma que: “é a pintura tradicional que é abstrata, já que extrai (portanto abstrai) o Belo encarnado de maneira visível na natureza. A pintura não-figurativa, esta sim, é concreta e não-abstrata, visto que cria um objeto e, por conseguinte, o Belo não é, nela, abstraído da natureza, mas produzido diretamente por meios que lhe são próprios. A pintura não-figurativa é tão concreta e tão objetiva, quanto o Belo encarnado na natureza” (Kandinsky 1998) [3].

Portanto, a arte que utiliza seus elementos fundamentais e não-figurativos para a criação de suas obras, provém do espírito do artista e vai ao encontro, diretamente, do espírito do observador, através da essência de seus elementos. Quando olhamos para um quadro abstrato estamos “vendo” a expressão do artista, sem interferência. Não abstraímos através de nenhum elemento formal existente na natureza para chegarmos ao que foi expresso.

O espírito, as formas e as cores...

Na visão de Kandinsky, para a arte pictórica atingir seu objetivo, ou seja, realizar a composição pura [4], ela conta com dois principais meios: a cor e a forma. Para ele “só a forma, enquanto representação do objeto (real ou não), enquanto delimitação puramente abstrata de um espaço, de uma superfície, pode existir por si mesma”.

E ainda: “não se concebe a cor estendida sem limites. Só a imaginação ou uma visão do espírito é que nos permite representar um vermelho ilimitado” (Kandinsky 1998) [5]. Nesse sentido, suas idéias concluem que as formas exercem suas influências sobre a cor e vice-versa, portanto, uma determinada forma modifica-se “interiormente” por carregar uma determinada cor, e uma cor também é modificada quando vinculada a uma forma.

Se as formas e as cores possuem vida e espírito próprios, seria possível determinar suas variantes e, conseqüentemente, suas harmonias (num sentido mais profundo, mais espiritual do termo). “É fácil perceber que o valor de tal cor é sublinhado por tal forma e atenuado por outra. Cores ‘agudas’ têm suas qualidades ressoando melhor numa forma

pontiaguda (o amarelo, por exemplo, num triângulo). As cores que podemos qualificar de profundas vêm-se reforçadas, sua ação intensificada, por formas redondas (o azul, por exemplo, no círculo). É claro, por outro lado, que o fato de não combinar a forma com uma cor não deve ser considerado uma ‘de-sarmonia’. Cumpre ver aí, pelo contrário, uma nova possibilidade, portanto, uma causa de harmonia”. (Kandinsky 1998) [6].

As idéias do mestre não se restringem apenas ao campo da estética, mas também ao campo da ética, principalmente à ética do artista e da arte. Vivendo em plena virada do século XIX para o século XX, Kandinsky manteve contato com os movimentos ditos de “ciência religiosa” (teosofia, espiritismo etc.), ao mesmo tempo que sentia o declínio espiritual dos artistas que buscavam, na maioria das vezes, apenas o sucesso.

Para ele, os artistas estavam por demais vinculados aos entendimentos, conceitos e condutas materialistas, típicas da visão mecanicista, fruto também da ascensão de uma classe burguesa da era industrial. O sucesso, segundo ele, poderia ser o atestado de que esse artista produzia uma obra morta, sem expressividade espiritual, pois, em sua concepção da arte, a expressão do artista tinha que vir diretamente do espírito e não de seu ego.

Era preciso se libertar do jugo de uma criação voltada simplesmente ao entretenimento e diversão dessa burguesia e assumir, de uma vez por todas, um papel de alavanca revolucionária do mundo. O Kandinsky visionário também enxergava, num futuro mais ou menos distante, o nascimento de uma nova arte – a arte puramente espiritual, sem intermeios, “abstrata”, como abstratos são os movimentos interiores do espírito humano.

Do espiritual na arte da iluminação

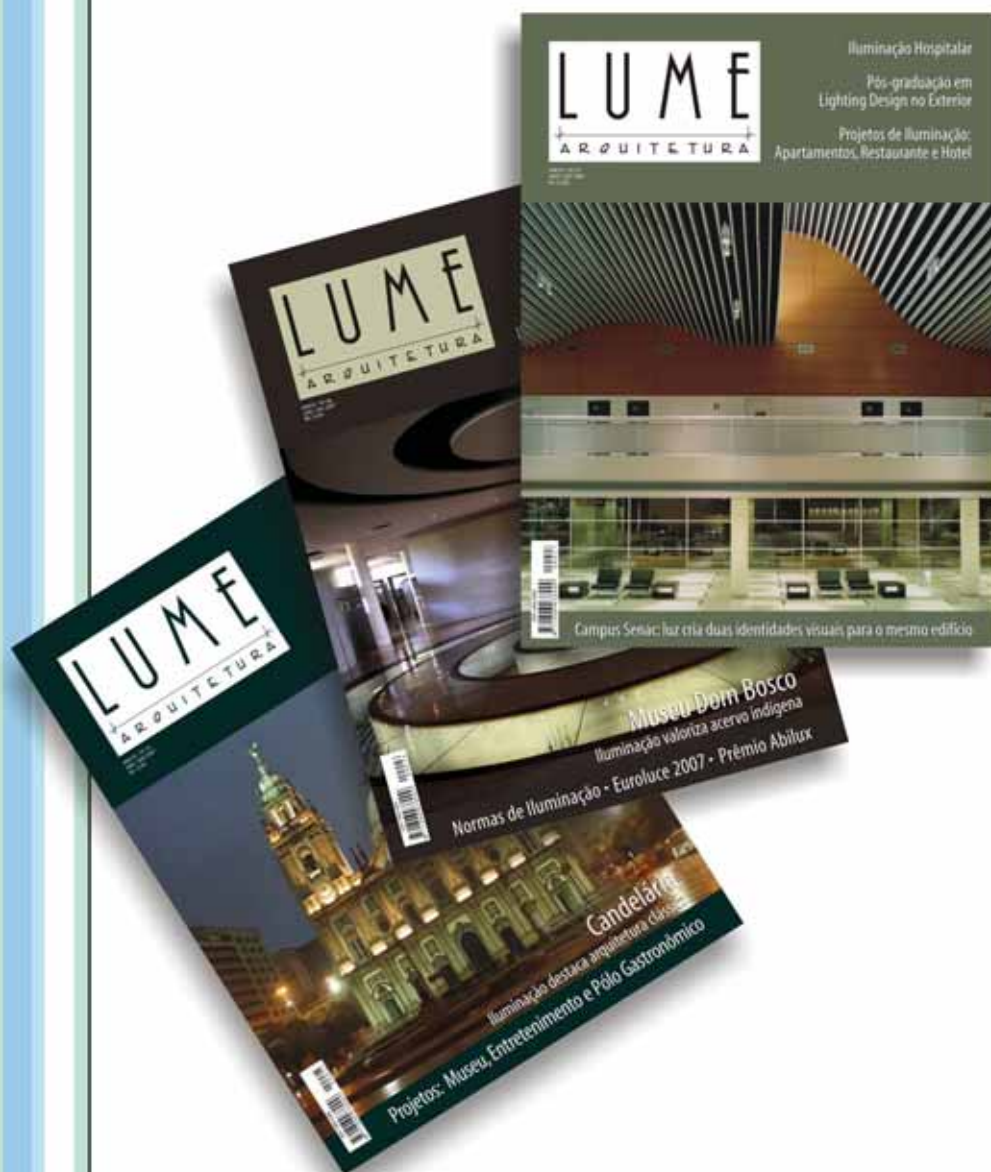
Formas, cores, brilhos, intensidades, movimentos, composições, enfim, todos os elementos utilizados pelos artistas visuais de todas as épocas são também os elementos dos artistas da luz. Além de conhecer os conceitos e linguagens da iluminação existentes, os lighting designers podem encontrar suas referências nos mestres da pintura.

Ora, se os antigos e modernos pintores sempre buscaram, e ainda buscam, a luz ideal para as suas

[3] KANDINSKY, Wassily. *Do Espiritual na Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 277. [4] Composição pura no sentido de se tornar uma arte abstrata pura, onde, como a música, atinge diretamente o espírito do apreciador, sem a intermediação, por exemplo, dos sons encontrados na natureza. [5] Op. Cit. Pág. 21. [6] Op. Cit. Pág. 21.

Assine

Lume Arquitetura. Para ficar entre os melhores, só tendo acesso à melhor informação.



A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.

Central Lume de Assinaturas


(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação



obras, por que não reverter o processo e buscar nas artes visuais a luz ideal? Seria como reverter o processo da pesquisa e criação de uma linguagem à outra e vice-versa.

Mas, é preciso lembrar que a arte da iluminação possui características próprias. Diferentemente da pintura, que através da cor e da forma constrói a composição sobre um determinado suporte [7], portanto a temática, e nela se encerra, a luz busca reforçar poéticas que foram criadas por outros artistas.

Seu papel é “iluminar” o que já “é” e foi criado através de outros mecanismos de linguagem, o que não significa que a luz não poderia ser ela mesma o “material” expressivo, mas estamos falando aqui da iluminação como elemento de uma obra e não como a própria obra. Mesmo assim, a iluminação se torna, então, co-criadora dessas linguagens, já que dá forma e cor, agindo e modelando, fazendo brilhar, apagando, mostrando, ocultando, insinuando, deformando, posicionando, refletindo e tudo o mais que é possível nas leis da física e nas leis das relações complexas.

Se a forma, a cor (portanto os tons), o brilho, etc., são fundamentais para que Kandinsky busque conhecer profundamente esse universo vivo para expressão da alma, o que dizer então sobre o significado destes elementos para os artistas da luz?

Trabalhamos intensamente com todos esses elementos, numa relação muito mais abrangente, num universo de criação tridimensional, demasiadamente complexa, intrigante e excessivamente rica de materiais, de ferramentas e de situações.

Uma luz recortada em forma triangular não resultará exatamente num triângulo projetado, mas se alterará, de acordo com outros fatores, tais como: ângulo de incidência, direção, propriedades dos elementos refletores, formas dos objetos nos quais ela incide, posicionamento do observador etc.

E seu movimento? E o movimento das cenas nos teatros, na dança, nos musicais? E na arquitetura? E de que maneira poderíamos utilizar essas estruturas móveis ou imóveis a fim de interferirmos positivamente na obra? E os climas psicológicos que poderão advir dessas mudanças? Percebam a quantidade de informações e, ao mesmo tempo, a quantidade de possibilidades que estão à nossa disposição!

Claro que nenhum de nós tem ou terá, algum dia, condições de conhecer, racionalmente, todas essas possibilidades. Isso não é trabalho para uma vida, nem sequer para várias vidas humanas, porém, a obra do grande mestre Kandinsky nos incita a buscar sempre o entendimento do espírito. O espírito criativo que busca o “invisível” para torná-lo visível.

Busca árdua, ele é quem o diga, naquela época, e ainda hoje, sua obra é rejeitada por muitos que acreditam que ele cumpria um certo “charlatanismo” pictórico, quando por meio apenas das formas e das cores buscava uma linguagem que estava, e ainda está, além do nosso tempo. Suas imagens não são representações do mundo real exterior, mas representações das pulsações espirituais interiores, que são muito mais ricas do que a nossa vagarosa mente e os nossos mais potentes computadores possam supor.

Para comprovação, basta tentarmos analisar o que sentimos, pensamos e vivenciamos durante apenas um dia de nossas vidas. É desse mundo sensorial que surgem as imagens das telas de Kandinsky. Nelas estão impregnadas uma poesia própria, íntima e contundente.

No mundo das sensações do espírito, das imagens que existem dentro de cada um, no autor do texto, no compositor da música, nas obras do arquiteto e do cenógrafo, moram os segredos que só se revelam na arte. Esses mundos ocultos, quando descobertos, levam-nos a partilhar um pedaço do pão do banquete que um dia virá a se constituir na Arte Monumental [8]. Assim, para estabelecer uma estética própria nos projetos de iluminação é preciso que o artista da luz busque suas respostas (que são só suas!) em viagens interiores.

À arte, cumpre satisfazer o espírito, elevando-o e o levando a “enxergar” novos horizontes, que estão acima da nossa capacidade comum de percepção. A luz, por si mesma, carregada de significação - até mesmo a mística de sua palavra - deve também cumprir o seu papel em meio às artes, as quais expõe e complementa. ◀

Valmir Perez
é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos pela Unicamp. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, de captação de imagens e de softwares, ministra cursos, workshops e palestras.



[7] A luz colorida que incide sobre uma superfície branca se comporta como a tinta do pintor sobre a imprimidura da tela, porém, quando incide sobre superfícies coloridas, comporta-se como o que na pintura chamamos veladura, ou velatura, ou seja, cria através dessas misturas terceiros cromatismos. [8] Richard Wagner chamava de “Arte Monumental”, uma arte, onde todas as artes reunidas deveriam buscar a harmonia de seus complexos com o propósito de atingir diretamente o espírito humano.